

Sandra Xavier

Para lá da oposição entre
arquitectura de autor
e arquitectura sem arquitectos

A antropologia ao longo da sua breve história de pouco mais de um século raramente se interessou pela arquitectura, a não ser quando se tratava de uma arquitectura sem arquitectos. Quando episodicamente se referiu à arquitectura dos arquitectos foi frequentemente com o propósito de criticar o desfasamento existente entre as suas utopias, representações e metodologias (muitas vezes pensadas como um instrumento de poder e controlo social) e o espaço vivido, praticado e construído pelas pessoas que o utilizam. A arquitectura aproximou-se então da antropologia quando num processo de revisão crítica da sua própria história, linguagem e metodologia procurou ir ao encontro da arquitectura sem arquitectos ou do espaço vivido e habitado.

Para João Leal a antropologia e a arquitectura têm vindo a se interceptar em Portugal na arquitectura popular. Numa arquitectura popular definida num primeiro momento pelos arquitectos da “geração do Inquérito” e pelos antropólogos seus contemporâneos através de um conjunto de dicotomias que simultaneamente identificavam, separavam e circunscreviam o que era e não era popular. A arquitectura popular seria assim definida por oposição à arquitectura erudita. Ao contrário desta, a arquitectura popular não teria autoria individual: o povo seria o seu autor colectivo. Não seria urbana, mas predominantemente rural. Não teria história, pois tinha-se mantido imóvel e intacta ao longo do tempo. Poderíamos ainda acrescentar que não seria universal, mas local ou regional.

Desta definição de arquitectura popular ficaria portanto de fora, ou se quisermos, seria excluído tudo aquilo que dissesse respeito à arquitectura erudita e, com ela, a arquitectura de autor, de raiz urbana, datável, com história e universal, mas também introduções recentes provenientes de uma sociedade industrial e de consumo de massas uniformizante e vulgar. A arquitectura popular, depurada de todos os elementos considerados a ela alheios, surgiria como autêntica e seria colocada no seu lugar, ou melhor, no lugar onde ela deveria estar segundo os arquitectos do “Inquérito” e os antropólogos com quem conversaram. O Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal era também neste sentido moderno. Não era apenas moderno porque pretendia mostrar a modernidade da arquitectura popular de modo a legitimar a arquitectura moderna. Mas também porque purificou a arquitectura popular, do mesmo modo que movimento moderno purificou a arquitectura erudita. Os arquitectos influenciados pelo